

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

AMANDA STHEPHANIE SILVA

VADIOS

**Relatório de pesquisa para desenvolvimento de livro-reportagem-perfil com
jornalismo poético na abordagem das diferentes violências a que são
submetidos indivíduos violentos**

São Paulo/ SP

2º / 2018

AMANDA STHEPHANIE SILVA

VADIOS

Violências a que são submetidos indivíduos violentos

Relatório do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Dr. Carlos Eduardo Sandano.

São Paulo/ SP
2° / 2018

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

RESUMO

No jornalismo tradicional, o estado de violência divide indivíduos em bons ou maus, bem como na sociedade contemporânea. Este trabalho, no entanto, foge às polaridades ao reconhecer corpos políticos complexos e os contextos em que estão inseridos, identificando violências que se dão por força ou que se dão por privação. Com base nesses tipos de violação, a pesquisa destrincha as condições de violência no ser humano, dados seus contextos sociais, culturais, econômicos, geográficos e raciais, entendendo que violência por força se encontra com a violência por privação, culminando num ciclo de inflamação que gera o indivíduo socialmente violento. Nesse sentido, entende-se que não basta associar o corpo social às suas transgressões, conforme as regras da sociedade, mas também avaliar as contravenções que foram naturalizadas num sistema historicamente violento que age mais rígido sobre as parcelas socialmente vulneráveis, as mesmas que se tornam as agressivas.

Palavras-chave: Violência; Jornalismo; Vulnerabilidade.

ABSTRACT

In traditional journalism, the state of violence divides individuals into good or bad, as well as into contemporary society. This work, however, escapes the polarities by recognizing complex political bodies and the contexts in which they are inserted, identifying violence that occurs by force and violence that occurs by deprivation. Based on these types of violations, the research uncovers the conditions of violence in the human being, given their social, cultural, economic, geographic and racial contexts, understanding that violence by force is met with violence by deprivation, culminating in a cycle of inflammation that generates the socially violent individual. In this sense, it is understood that it is not enough to associate the social body with its transgressions, according to the rules of society, but also to evaluate the contraventions that were naturalized in a historically violent system that acts more rigidly on the socially vulnerable portions, the same that become the aggressive ones.

Keywords: Violence; Journalism; Vulnerability.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Referencial teórico	10
1.1 A violência como força e privação.....	10
1.2 Livro de perfis na abordagem da violência sob análises raciais e geográficas	11
1.3 Linguagem poética no jornalismo literário	13
1.4 Entrevista livre na construção dos perfis	14
2. Desenvolvimento da peça	15
2.1 “Vadios”: público-alvo, entrevistas e personagens	15
2.2 Jornalismo poético na assimilação da linguagem cultural ...	16
2.3 Produção gráfica de valorização à arte marginal	17
Considerações finais	18
Referências bibliográficas	19

INTRODUÇÃO

A escravidão e o período pós-emancipação, tanto por força quanto por privação, colaboraram para o contexto de marginalização dos negros, um processo que se estende até o século XXI, mesmo com a abertura das ações afirmativas de inclusão racial numa sociedade estrutural e institucionalmente racista.

Das violações sofridas por quem representa a maior parte da população brasileira, surge o potencial sobre a violência, enquanto agressores e agredidos, somada às violações dos direitos humanos tais como as mortes pelo controle abusivo do Estado, o genocídio da juventude negra, a violência doméstica e obstétrica, o desemprego, o encarceramento, o tráfico de drogas e a drogadição, dentre outros aspectos.

De acordo com estudo realizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 2014, o índice de negros mortos por violência policial no estado de São Paulo é quase três vezes o registrado para a população branca. O padrão se repete em outros estados como o Rio de Janeiro onde, segundo levantamento do UOL, com base na *Lei de Acesso à Informação*, a cada 10 mortos pela polícia, 9 são negros.

Segundo o *Atlas da Violência 2017*, produzido pelo Ipea em parceria com o *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Além disso, de acordo com a *CPI sobre Assassinato de Jovens*, com base no Mapa da Violência 2014, a cada 23 minutos um jovem negro entre 15 e 29 anos é assassinado.

Sob o recorte de gênero, mulheres negras representam 65,9% das vítimas de violência obstétrica, de acordo com o *Disque 180*, e 58,8% das vítimas em casos de violência doméstica, segundo a *Fundação Oswaldo Cruz*. São elas ainda, de acordo com o *Ministério da Saúde*, as que mais morrem no parto: 53,9% dos casos (*Rede Brasil Atual*).

O índice de aborto provocado das mulheres pretas, segundo dados do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*, é o dobro do percentual entre as mulheres brancas. O recorte racial influencia ainda no perfil mais comum da mulher que recorre ao aborto: jovem de até 19 anos, negra e já com filhos, segundo a *Pesquisa Nacional de Aborto (PNA)*.

De acordo com a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (Pnad) Contínua, realizada pelo IBGE no primeiro trimestre de 2018, negros representam 64% dos desempregados e as mulheres são maioria: 50,9%. Nesse período, o percentual de desemprego dos brancos ficou abaixo da média nacional (13,1%) enquanto a de pretos e pardos ultrapassou a média com 16% e 15,1%, respectivamente.

Nas universidades, embora o número de negros tenha dobrado em 10 anos, de 5,5% para 12,8%, de acordo com o IBGE, a taxa ainda representa menos da metade do ingresso de alunos brancos no ensino superior, com 26,5% em 2015.

Além disso, segundo o *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias* (Infopen), divulgado em 2015, a maior parte da população carcerária é negra, pobre e de baixa escolaridade: 56% dos presos no Brasil são jovens, 67% dos presos são negros e 53% possuem ensino fundamental incompleto. O levantamento do G1 em São Paulo, por sua vez, evidencia que o aumento no percentual de presos por tráfico de drogas aumentou de 26,4% para 35,8%, entre 2013 e 2015.

Os dados acima reafirmam a violação de direitos, o racismo institucional e principalmente o mito da democracia racial no Brasil, identificado pela ONU, onde a maior parte da população é diariamente violentada social, política, cultural e economicamente.

Ainda assim, pela desocupação causada pelo desemprego, pela necessidade que conduz ao tráfico, pela fuga que oferece a drogadição, pelo desespero de não poder alimentar mais um corpo à mesa - que resulta no aborto -, pela cultura marginalizada que produz o baile *funk*, negras e negros são ainda enquadrados na vadiagem.

Nesse sentido, o cruzamento dos dados culmina na condição de vadios da população negra ainda hoje como reflexo da vadiagem a que foram conduzidos por anos de desassistência, no sentido banal da palavra que indica desocupação. Ao mesmo tempo, negros e negras representam ainda a vadiagem no sentido da cultura por meio de expressões e manifestações marginalizadas como o *rap* e o *funk*, como outrora foram a capoeira, o samba e o maracatu.

Portanto, *Vadios* considera os dados estatísticos contemporâneos e encontra reflexos do período escravocrata e pós-emancipação que conferem a esse

tempo as disparidades raciais. Tem ainda a missão de cruzar histórias de três personagens negros que estão enquadrados nas estatísticas acima e que são socialmente considerados agressores: uma usuária de drogas, um traficante e uma abortista.

A pergunta-problema compreende responder: de que maneira um livro de perfil, com linguagem não apenas literária mas poética, pode perfilar agressor e agredido numa só personagem, transcendendo a ideia de bem e mal, e entendendo a vadiagem como uma forma de resistir e sobreviver, considerados os contextos socioculturais, políticos e econômicos a que está submetida a população negra no Brasil?

O principal objetivo é estruturar um livro-reportagem-perfil, com linguagem poética, que aborde as violências sob a perspectiva de força e privação, segundo as teorias, respectivamente, de Yves Michaud (1989) e Nilo Odália (1991). Nesse sentido, portanto, *Vadios* compreende acolher relatos dos ditos vadios a partir das diferentes violações a que estão submetidos e que os transformaram, ao mesmo tempo, em responsáveis pela violência e vítimas dela.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A violência como força e privação

Segundo Nilo Odália (1991), a violência é uma forma de privação. O autor exemplifica sua teoria com a história bíblica da expulsão de Adão e Eva do paraíso como punição à experimentação do fruto proibido. Essa privação, por sua vez, pode se traduzir nas perdas de direitos que estruturam desigualdades e potencializam as diferentes agressões na sociedade contemporânea.

Para o francês Yves Michaud (1989), a violência tem relação com o caos que se estabelece na falta de regramento, com influências das interações sociais e trocas econômicas que resultam na relação de forças. Considerando a complexidade humana, o autor defende que a vulnerabilidade social é gerada pelas relações de violência que causam a permanente insegurança da sociedade contemporânea.

Sendo assim, Odália (1991) entende a violência sob a perspectiva de quem a sofre, enquanto Michaud (1984), de quem a executa. Num contexto de complexidade, redes e relações cíclicas, indivíduos podem ser, ao mesmo tempo, agressores e agredidos. Ou ainda, uma condição pode levar à outra, seja qual for a ordem.

Vadios busca analisar e compreender, a partir do relato de três personagens e a construção de seus perfis pautados nas violências que sofreram ou executaram, a complexidade das relações humanas às quais o jornalismo diário não se atém.

Materializada no fogo, na pedra ou no osso, a violência se fez presente em sociedade desde as primeiras civilizações. Em muitos casos, como forma de defesa ou sobrevivência. Anos mais tarde, essa hostilidade se apresenta em sua ressignificação, na forma de agressão física, racial, sexual, política, econômica e cultural.

A violência se potencializa, ainda, porque é intimamente relacionada à sensação de poder. Segundo Foucault (1979), o poder pode ser captado de diferentes maneiras, nos espaços mais extremos e, portanto, marginalizados.

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) Em outras palavras, captar o

poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício.
(FOUCAULT, 1979, p.182)

Se a ânsia pelo poder alcança todo o tecido geográfico, muito além de quem detém nas mãos boa parte do capital e da importância social, então a violência também se faz presente nesses espaços. Inclusive, se intensifica quando a única forma do ser social se mostrar poderoso - não tendo poder aquisitivo ou relevância social -, é se tornando agressivo.

Ainda sobre a relação de poder, a violência coliga privação e força quando, por ser privado em seus direitos, o agredido se torna agressor, reagindo com força - não necessariamente física - contra os sistemas que burlam sua cidadania na íntima sensação de subversão.

Noutra ordem, é possível relativizar força e privação quando o agressor é também o agredido, partindo do pressuposto de que a supressão é também uma violência. Nesse sentido, o próprio sistema prisional, sendo uma forma de punição que cerceia a liberdade, se configura violento.

A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes (...) A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis e ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. (FOUCAULT, 2014, p. 261)

Nessa condição, as teorias de Odália (1991) e Michaud (1989) se reúnem, na instituição do cidadão não mais enquanto de papel, conforme defende Dimenstein (1993), sob a análise das condições sociais, econômicas, culturais, geográficas e políticas a que a população é submetida. A violação dos direitos resulta na formação dos cidadãos de vidro, aqueles que cortam com a mesma intensidade com que quebram.

Apesar da constante busca pela extirpação da violência, de acordo com a filósofa Hannah Arendt (1994), a violência paira sobre o homem como um instinto. Sendo assim, na complexidade das relações, mesmo a tentativa de desenraizar esse comportamento seria, além de utópico, outra forma de violação. Dessa forma, somente a liberação dessa manifestação de forma ressignificada seria capaz de diminuir a reincidência do uso da força e da privação.

1.2 Livro de perfis na abordagem da violência sob análises raciais e geográficas

Sendo a violência um padrão de comportamento instintivo, que perpassa pelo uso da força e da privação - relacionando as teorias de Arendt (1994), Michaud (1989) e Odália (1991) -, então os espaços de alta vulnerabilidade, onde a privação dos direitos rege a reação ao sistema por meio da força transgressora, são os maiores cultivadores de agressores e agredidos nas sociedades contemporâneas.

Não só isso, sendo a população negra maioria dos desempregados, maioria dos presídios, maioria das vítimas de violência doméstica, maioria dos jovens mortos, minoria das escolas, minoria em cargos de grande prestígio, dentre outras posições, é essa a parcela que mais sofre com as violações diárias e, às vezes, sutis no país cuja democracia racial é um mito.

Portanto, as periferias representam o espaço geográfico onde a violação de direitos se faz presente na fragilidade, desde a infraestrutura até a hostilidade do Estado no controle social. Da mesma maneira, homens e mulheres negros representam a parcela da população que mais sofre com o preconceito sistemático, resultante de uma série de violências pautadas, primeiramente, na condição fenotípica.

Dessa maneira, o livro busca abordar a violência a partir das histórias de três personagens, duas mulheres e um homem, todos negros e geograficamente vulneráveis, bebendo da poesia presente nas batalhas de rima como um dos espaços culturais de reafirmação da cultura marginal e negra, além de ágora dos vadios:

A forma de construção de conhecimento no hip hop, ao contrário do saber convencional, não se pauta pela escrita, subvertendo a hierarquização convencional no qual a escrita formal está acima de outros modos de transmissão de conhecimento. No hip hop, a mensagem está no corpo-movimento do break, no grafismo transgressor do graffiti e, especialmente, na valorização da palavra. Duas influências culturais importantes estão presentes na oralidade do hip hop: os griots africanos e os repentistas nordestinos. (MOASSAB, 2011, p. 201)

Nessa perspectiva, a peça busca o equilíbrio entre as linguagens poéticas na construção da narrativa, fazendo uso de musicalidade, metáforas e pontuação. Em referência à oralidade presente nas periferias e na história negra, a linguagem busca a sensibilidade poética que considera o potencial transformador dos grupos marginalizados social, cultural, política, econômica e racialmente, para representar a identidade das personagens nas narrativas.

A produção se estabelece no formato de livro-reportagem-perfil porque foge aos padrões do jornalismo tradicional tanto estética quanto objetivamente. Faz uso de uma linguagem informal e pausada que remete à estética das poesias escritas, ao mesmo tempo em que dá voz à parcela considerada violenta perante a sociedade. Tem ainda, o objetivo de emocionar o leitor, conforme cita Tom Wolfe (2005):

Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto (...) para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (SOARES, 21- apud WOLFE, 2005, p.6)

Portanto, *Vadios* representa a tentativa de fundir poesia em prosa na não-ficção. Ao mesmo tempo em que traz linguagens descritivas, usa frases pequenas para trazer a intensidade de situações que se cruzam pela narrativa e pela violência descrita pelos próprios personagens que, hora ou outra, invade a história dando autonomia à voz dos protagonistas.

1.3 Linguagem poética no jornalismo literário

Na abordagem literária do jornalismo, há assimilação com a poesia desde o recurso das metáforas até a forma com que se busca tocar a afetividade do leitor, sempre com a preocupação sobre a apuração e concreticidade dos fatos. O jornalismo literário, portanto, cumpre o papel que se dispõe: proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper com correntes burocráticas do *lead* e garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008).

Ao mesmo tempo, a relação poética se dá pela reafirmação da cultura marginal a partir do *rap* e do *funk*. Já que o jornalismo deve, em si mesmo, manter o olhar humano que inverte a relação do sujeito-objeto para sujeito-sujeito (MEDINA, 2003). *Vadios* transcende a relação de jornalismo literário para respeitar a identidade de suas personagens, fugindo à rotina estética e objetiva da narrativa tradicional.

Ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetiva e poética, não há como abstrair a crise dos paradigmas reducionistas, a crise das percepções e a aridez emocional ou a crise das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas da narrativa. (MEDINA, 2003, p. 50)

Sendo assim, a utilização da linguagem poética para personagens inseridos nos movimentos culturais de poesia, além de uma opção estética, é

também uma relação de respeito e abraço às manifestações marginalizadas, ainda pouco inseridas no jornalismo, apesar de serem uma representação fundamental e inclusive, não ficcional, da sociedade.

Nesse mesmo sentido, são inseridas durante o texto poesias escritas pelos personagens da peça, como manifestação de cultura e resistência, na quebra ainda dos padrões estabelecidos para indivíduos considerados violentos: cada um alcança sensibilidade naquilo que se propõe a 'escrever'.

1.4 Entrevista livre na construção dos perfis

Sendo o tema da peça muito contundente, ao mesmo tempo que frágil, é importante atentar para os limites do entrevistado. Dessa forma, a entrevista livre é majoritariamente utilizada. E, embora a descrição das situações, seja de extrema importância à narrativa, cada personagem é livre para contar suas histórias conforme se sentir confortável.

Se a qualidade do texto jornalístico é importante, então no jornalismo poético, o técnico deve se adaptar às respostas do perfilado para manter a estética narrativa. Isso porque, na relação sujeito-sujeito, sobre diálogos violentos, é necessário estar sensível a dor do outro e fugir dos padrões sensacionalistas de performar reportagem.

Dessa forma, as técnicas da entrevista de perfil e não de informação, dois tipos segundo Luiz Amaral (1987), buscam a legitimidade do discurso sob o olhar do sujeito que vivencia a violência, e não a reprodução dos dados que se originam da instituição do sujeito enquanto objeto de estudo, tratando realidades com ternura.

A distância entre a violência e a ternura, tanto em seu matiz tátil como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz nessa disposição do ser terno para aceitar o diferente, para aprender dele e respeitar seu caráter singular sem querer dominá-lo a partir da lógica homogênea da guerra (MEDINA, 2008, p. 50)

É sob essa perspectiva que *Vadios* trabalha as violências sofridas e mesmo as violências geradas pelos personagens, aceitando o diferente, que não tem lugar na sociedade, nem no jornalismo tradicional, que apenas criminaliza o denominado bandido.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1 “Vadios”: público-alvo, entrevistas e personagens

O livro-reportagem-perfil que buscou assimilar realidades que dialogam entre si sob o espectro das violações sofridas diariamente, deve alcançar os espaços elitizados, no que se refere à sensibilização do público que desconhece a realidade de violência cíclica entre grupos e espaços marginalizados. Ou, ainda, a conhece a partir da visão sensacionalista do jornalismo que institui e mantém a relação sujeito-objeto.

Vadios tratou da vivência de agredidos e agressores, ao mesmo tempo, a partir de sua poetização, na tentativa de desfazer o imaginário sobre a polaridade entre bem e mal. Nesse sentido, o produto quis possibilitar novas visões sobre os contextos de privação e uso da força, principalmente sob a análise do cidadão de vidro e não de papel.

A narrativa encontrou nas próprias palavras fios condutores entre as histórias dos diferentes perfilados. Citou naturalmente as violações a que eram submetidos ou submetiam, de forma que o leitor seja responsável por compreender os contextos de violência, livremente.

A estética textual não separou personagens por capítulos. Isso porque os personagens fazem parte de um mesmo grupo e têm histórias que se aproximam. Um traficante, uma usuária de drogas e uma abortista são entregues à narrativa por igual, enquanto sujeitos socialmente violentos, mas que foram submetidos à transgressão de direitos, desde a violência na prisão, passando pela violência doméstica e pelo abuso sexual.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e amparadas pelos depoimentos das personagens. Além disso, os familiares citados na obra foram conhecidos pessoalmente. No caso de relações com a violência que a família desconhece, o assunto, por ética, não pode ser tratado.

Foram realizadas uma série de conversas, por assim dizer, dada a informalidade com que foram feitas. Cientes de que era para fins jornalísticos, as personagens entenderam a seriedade do projeto. Mas, para tratar de questões tão pessoais, foi necessário um nível de aproximação maior entre sujeito-sujeito.

A apuração foi realizada além das personagens secundários. A maior forma de comprovar violências numa sociedade complexa, onde a palavra por si só não é confiável, são os dados estatísticos. Os números postos na introdução deste trabalho reiteram as violências a que foram submetidos Brenda, Rafael e Paola.

Apesar da importância dos dados, eles não são citados na peça como exercício para que o leitor se atente às histórias. As estatísticas têm a função de confirmar aquilo que personagens como Brenda, Paola e Rafael já vivem e, portanto, é necessário exercitar a ternura muito além daquilo que pesquisas apontam: pura e simplesmente pela aproximação entre sujeito-sujeito, sem quaisquer ferramentas que legitimem a narração de suas próprias violências além de suas próprias dores e cicatrizes.

2.2 Jornalismo poético na assimilação da linguagem cultural

Em respeito às manifestações culturais que dão o tom à vida negra e periférica, o livro-reportagem-perfil usa a poesia como fator sensível. A partir da linguagem fácil, da repetição de ideias, da ênfase na oração e da sonoridade, *Vadios* buscou se adequar às linguagens que alcançam os sentimentos do leitor, feito música.

Nesse sentido, trouxe em dados momentos, linguagens que impulsionam a revolta do leitor, como faz o *rap* ao narrar não-ficções para abrir os olhos à realidade. *Vadios* não pode ser dito uma produção imparcial, apesar da insistência em fazer um jornalismo assim. Foi uma peça política. Buscou se aproximar dos movimentos culturais marginalizados, que se tornaram alvos do controle social, bem como seus frequentadores, porque viu um histórico de violência naquele espaço de apreço à expressão autêntica.

É por isso que *Vadios* criou perfis que conversassem entre si: para mostrar como determinados grupos sociais são vulneráveis. E por acreditar na hostilidade com que o jornalismo tradicional trata as situações de violência, na relação sujeito-objeto, se propôs a ressignificar dor, transformando-a em linguagem poética. A partir dessa perspectiva ainda, *Vadios* usa elementos da oralidade em sua construção, de onomatopéias às gírias, passando pela semântica das ruas, como é o caso do *pixo* com x.

2.3 Produção gráfica de valorização à arte marginal

Além de polo das privações - ou talvez justamente por isso -, as regiões de alta vulnerabilidade apresentam grande potencial cultural e artístico. Nesse sentido, em valorização às expressões urbanas e periféricas, as características gráficas do livro foram guiadas pela estética periférica, já que foram realizadas por um morador da região periférica de Osasco, um menino de 16 anos.

Com influência da ilustração e do grafite, o traço fino de William Muniz representou a fuga aos estereótipos de artes menos sensíveis. Vertentes do grafite trabalham traços finos, fazendo menos pressão com o *spray* e o desenho monocromático, respeita a dor que não se pode colorir.

Na diagramação, foram inseridas letras escritas à mão no título e nos capítulos. A livre escrita representa a fuga aos padrões a que o jornalismo está submetido, mesmo estéticos, além da representação da cultura marginal onde os traços ganham vida conforme querem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da fuga às polaridades, da relação sujeito-sujeito, da escuta à parcela criminalizada da sociedade, é possível perfilar agressor e agredido numa só personagem, entendendo a vadiagem como forma de sobrevivência e resistência, fazendo ainda uso da poesia escrita pelos próprios vadios como manifestação cultural marginalizada, que ensina ao jornalismo a possibilidade de olhar com ternura.

Considerados contextos sociais, culturais, econômicos, raciais e geográficos, entende-se a violência como ampla, percorrendo diferentes espaços e tempos, mas ainda assim cultural e cíclica em suas duas formas: força e privação. Além disso, se compreende a violência como intrínseca ao corpo social, vez ou outra transformada de ou em alguma condição ou sentimento.

Nesse sentido, não basta olhar com atenção os feitos dos indivíduos violentos. É necessário observar e, mais ainda, ouvir as condições a que estavam submetidos ao executar aquelas violações. Olhar para trás e entender violações passadas ajuda a compreender as histórias de vida de quem o jornalismo tradicional abomina por medo ou irresponsabilidade.

Medo porque a parcela vulnerável e esquecida da sociedade se arma para fugir das violações a que é submetida e, nessa ação, é enquadrada numa série de estereótipos que culminam em sua alta periculosidade. Irresponsabilidade porque não se pode fazer jornalismo democrático sem ouvir aqueles que representam perigo à sociedade.

É por isso que *Vadios* bebe da poesia e não da literatura. De qualquer maneira, da contemporânea e marginal. Aquela que não tem medo de contar histórias tristes, ouvir palavrões ou cuspir a realidade dos espaços invisibilizados. *Vadios* é poesia: lembra que se arrancam sangue, farão do soco, o suco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANISTIA INTERNACIONAL BRASIL. **Anistia Internacional - Informe 2015/16: o estado dos direitos humanos no mundo**. Grafitto Gráfica: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Informe2016_Final_Web-1.pdf> Acesso em: 05 ago. 2017

AMARAL, Luiz. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

AZMINA. **Criminalização do aborto mata mais mulheres negras**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://azmina.com.br/reportagens/precisamos-falar-de-aborto-e-como-ele-mata-mulheres-negras>> Acesso em: 18 set. 2018.

CERQUEIRA, Daniel; LIMA, Renato Sérgio; BUENO, Samira; VALÊNCIA, Luis Iván; HANASHIRO, Olaya; MACHADO, Pedro Henrique G; LIMA, Adriana dos Santos. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf> Acesso em: 05 set. 2017

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1996. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=wxuqg3jDSG4C&pg=PA96&lpg=PA96&dq=como+o+jornalismo+aborda+a+violencia.>> Acesso em: 10 out. 2017.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 1993.

EBC. **Com 726 mil presos, Brasil tem terceira maior população carcerária do mundo**. Brasília, 2017. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-12/populacao-carceraria-do-brasil-sobe-de-622202-para-726712-pessoas>> Acesso em 08 set. 2018.

ESTADÃO. **44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>> Acesso em: 10 out. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUIA DO ESTUDANTE. **Percentual de negros nas universidades dobra em 10 anos**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/percentual-de-negros-nas-universidades-dobra-em-10-anos/>> Acesso em: 18 set. 2018.

G1. **Em SP, 90% das mortes causadas por PMs ocorrem nos bairros distantes do Centro.** São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/90-das-mortes-praticadas-por-pms-ocorre-na-periferia-de-sp.ghtml>> Acesso em: 16 nov. 2017.

_____. **63,7% dos desempregados no Brasil são pretos ou pardos, aponta IBGE.** São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/637-dos-desempregados-no-brasil-sao-pretos-ou-pardos-aponta-ibge.ghtml>> Acesso em: 18 nov. 2017.

_____. **Um em cada três presos do país responde por tráfico de drogas.** São Paulo, 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/um-em-cada-tres-presos-do-pais-responde-por-trafico-de-drogas.ghtml>> Acesso em: 17 nov. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura/Jornalismo literário.** 4ª edição, revista e ampliada, Barueri/São Paulo: Manole, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o Presente: Narrativa e Cotidiano.** São Paulo: Summus, 2003.

_____. **CIÊNCIA E JORNALISMO: Da herança positivista ao diálogo dos afetos.** 2008.

_____. **O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

MICHAUD, Yves-Alain. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

MOASSAB, Andréia. **Brasil periferia(s): A comunicação insurgente do hip-hop.** Educ, 2011. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Dj6DAwAAQBAJ&pg=PT55&lpg=PT55&dq=oralidade+na+periferia.>> Acesso em: 17 nov. 2017.

ODALIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Jacson Caprini de; MARTINS, Felipe Antunez. **As variadas facetas da violência.** PUCRS: Ciências Criminais. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/50.pdf>> Acesso em: 05 out. 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

RBA. **Mulheres negras acumulam piores indicadores sociais no Brasil.** São Paulo, 2017. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/11/mulheres-negras-acumulam-piores-indicadores-sociais-no-brasil>> Acesso em: 17 nov. 2017.

SOARES, Rosana Penha Figueiredo. **A influência do new journalism nas biografias escritas por jornalistas**. Espírito Santo, [21-]. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109748869453348296636958182622362314423.pdf>> Acesso em 14 set. 2018.

UOL. **A cada 3 desempregados no Brasil, 2 são pretos ou pardos, diz IBGE**. São Paulo, 2017. Disponível em < <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2017/11/17/desemprego-pnad-ibge.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 02 jan. 2018.

_____. **9 em cada 10 mortos pela polícia no Rio são negros ou pardos**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/26/rj-9-em-cada-10-mortos-pela-policia-no-rio-sao-negros-ou-pardos.htm>> Acesso em: 02 jan. 2018.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf> Acesso em 05 set. 2017.